DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

POTENCIAIS E DESAFIOS DOS AUTISTAS ADULTOS QUE EXERCEM ATIVIDADES REMUNERADAS

POTENTIALS AND CHALLENGES OF AUTISTIC ADULTS IN PAID EMPLOYMENT

Mariana Meireles de Assis[1]
Alan Raniel Borges da Cruz[2]

RESUMO:
A pesquisa aborda a lacuna na literatura científica sobre autismo, focando nos desafios e potencialidades que os autistas adultos enfrentam ao exercer atividades remuneradas. Com base em uma abordagem qualitativa, a pesquisa busca compreender as necessidades desses indivíduos e propor ações para melhorar sua qualidade de vida no ambiente de trabalho. A pesquisa conclui que a conscientização, aceitação e respeito dos ambientes de trabalho são fundamentais para preservar a saúde mental dos autistas adultos. Recomendações incluem a conscientização sobre o autismo, acomodações sensoriais, flexibilidade de horários e valorização das habilidades individuais. O estudo ressalta a importância de futuras pesquisas e ações para promover a inclusão e a compreensão do autismo em adultos, visando uma sociedade mais justa e capacitada para todos.

Palavras-chave: Autistas adultos, Inclusão, Atividades remuneradas.

ABSTRACT:
The research addresses the gap in the scientific literature on autism, focusing on the challenges and potentials that autistic adults face in paid employment. Based on a qualitative approach, the study seeks to understand the needs of these individuals and propose actions to improve their quality of life in the workplace. The research concludes that awareness, acceptance, and respect in work environments are essential to preserving the mental health of autistic adults. Recommendations include autism awareness, sensory accommodations, flexible schedules, and valuing individual skills. The study highlights the importance of future research and actions to promote inclusion and understanding of autism in adults, aiming for a fairer and more inclusive society.

Keywords: Autistic Adults, Inclusion, Paid Employment.

INTRODUÇÃO

Existe uma lacuna significativa na literatura científica sobre autismo, sendo os estudos existentes predominantemente focados em crianças autistas, em detrimento dos adultos autistas. Dentre as produções sobre adultos, as que enfocam o mercado de trabalho são ainda mais escassas, como dizem Talarico, Pereira e Goyos (2019). Visando diminuir essa escassez, este estudo investigou as potencialidades e os desafios enfrentados pelos autistas adultos que exercem atividades remuneradas a partir das seguintes fontes: extrapolação de dados

[1] Aluna do curso de Bacharelado em Psicologia no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) - pertencente ao Grupo Ânima de Educação. ORCID: https://orcid.org/0009-0005-1116-7804 E-mail: mariana.massis@protonmail.com.
[2] Possui licenciatura em matemática pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e Mestrado em Educação e docência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7673-8763. E-mail: raniel29@gmail.com.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

provenientes de estudos estadunidenses focados em crianças autistas; textos brasileiros não acadêmicos sobre autistas adultos cujos autores são autistas que falam sobre autismo em suas redes sociais; textos acadêmicos de diversas nacionalidades sobre autismo em adultos, ainda que escassos; e, principalmente, a partir de entrevistas com membros brasileiros dessa comunidade. Uma médica brasileira especialista em autismo com experiência com autistas adultos, Raquel Del Monde, também foi entrevistada para este estudo.

Primeiramente, é preciso entender o que é o autismo. A definição médica de autismo, de acordo com o Ministério da Saúde (2023), é a de que o transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio que apresenta "desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados". Em oposição a esta definição, é possível mencionar que o movimento da Neurodiversidade define que o autismo deve ser entendido como uma das diferenças neurológicas que fazem parte da diversidade humana, em oposição a uma condição patológica (Dyck; Russel, 2019).

Acredita-se que a prevalência do autismo é de quatro homens para cada mulher (Tien, 2023), mas estudos recentes corroboram a percepção da comunidade de autistas (NeuroConecta, 2022; Instituto Lagarta Vira Pupa, 2021a, 2021b, 2021c; Alice Neurodiversa, 2023) de que a diferença de número de diagnósticos entre homens e mulheres não reflete a diferença efetiva no número de sujeitos afetados. Estereótipos de gênero — como a expectativa de que meninas sejam introvertidas e meninos sejam extrovertidos — contribuem para que as características do autismo sejam mais investigadas em meninos. O fato de ferramentas diagnósticas terem sido normatizadas em amostras de meninos e homens também adiciona viés nos diagnósticos atuais. Existe ainda a possibilidade de meninas autistas serem subdiagnosticadas devido a diferenças nos perfis de sintomas em comparação com os meninos (Hamdani et al., 2023; Tien, 2023).

Ainda não há dados censitários sobre autismo no Brasil, já que os resultados do Censo 2022 — o primeiro que incluiu uma pergunta sobre autismo — ainda não foram totalmente divulgados (G1, 2022; Agência Câmara de Notícias, 2019). Estima-se que existam cerca de seis milhões de autistas no Brasil de acordo com a prevalência de autismo divulgada pelo órgão de saúde dos Estados Unidos Centers for Disease Control and Prevention (CDC) aplicada à população brasileira (Jornalista Inclusivo, 2023). Esses números foram obtidos em uma pesquisa com crianças de oito anos de idade, e mesmo que a maior parte dos estudos sobre autismo seja direcionada a crianças, o autismo é uma condição crônica, logo, crianças autistas se tornarão adultos autistas. E, quando falamos em condições neurológicas em

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

pessoas adultas, precisamos nos atentar para o quanto tais condições afetam a capacidade da pessoa de exercer alguma atividade remunerada, já que a compensação financeira como forma de prover a subsistência é uma característica marcante do capitalismo (Trigueiro 2010).

Neste estudo, "atividade remunerada" é uma expressão que se refere a todas as formas de atividades exercidas por pessoas em troca de compensação financeira, independentemente do seu formato ou natureza jurídica. Essa compensação financeira pode ocorrer por meio de salários, honorários, comissões, bolsas, propinas, monetizações ou qualquer outro tipo de pagamento monetário.

É importante ressaltar que a expressão "atividade remunerada" não deve ser confundida com o conceito de "mercado de trabalho", o qual se refere ao espaço socialmente aceito onde ocorrem as relações entre trabalhadores e organizações (Oliveira; Piccinini, 2011), muitas vezes se referindo apenas a trabalhos formais e excluindo outros meios de busca de compensação financeira.

Apesar da Lei 8213/91 garantir a contratação de pessoas com deficiência e da Lei 12.764/12 determinar que autistas são de fato pessoas com deficiência (Brasil, 1991, 2012), muitas empresas ainda têm uma visão antiquada de comportamento ideal de seus funcionários, e isso as afasta de contratarem e manterem indivíduos plenamente capazes de trabalhar, mas que têm questões no ambiente físico ou social das empresas, muitas vezes contornáveis ou adaptáveis através de acomodações possíveis. As características do autismo citadas por Ministério da Saúde (2021) contribuem para uma taxa de desemprego de 85% entre indivíduos autistas (Rocha, 2019).

METODOLOGIA

O presente trabalho teve como objetivo geral: Investigar as potencialidades e desafios enfrentados pelos autistas adultos que exercem atividades remuneradas no contexto de tais atividades. E objetivos específicos: Identificar as demandas e dificuldades relatadas pela comunidade de autistas adultos entrevistados; identificar suas potencialidades e habilidades para contribuir produtivamente com o ambiente de trabalho; avaliar a percepção da comunidade autista entrevistada sobre a possibilidade de mudança e melhoria das condições de trabalho; investigar a efetividade das acomodações existentes nos ambientes de trabalho e identificar possíveis ajustes para melhor adequação às necessidades dos autistas adultos que trabalham em tais ambientes; conhecer as estratégias adotadas pelos autistas adultos para lidar com as demandas e desafios em seus ambientes de trabalho; propor recomendações para

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

empresas e organizações visando a criação de ambientes de trabalho mais inclusivos e acessíveis aos autistas adultos.

Neste estudo, a pesquisa qualitativa foi utilizada para investigar os desafios enfrentados e as potencialidades de autistas adultos que exercem atividades remuneradas, de modo a compreender suas necessidades e identificar possíveis ações para mitigar as dificuldades e sofrimentos associados ao trabalho, e, assim, propiciar maior qualidade de vida e maiores contribuições ao ambiente de trabalho. A coleta de dados ocorreu de maneira online, possibilitando a participação de indivíduos de diversas regiões do Brasil.

Os participantes foram recrutados por meio de grupos de WhatsApp que reúnem autistas adultos, excluindo familiares de autistas e crianças autistas. Também foi pedido que essas pessoas divulgassem a pesquisa entre seus conhecidos. Os participantes foram selecionados com base em três critérios: a condição de autismo, o exercício de atividades remuneradas nos últimos 6 meses e a idade acima de 18 anos.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário com 30 perguntas construído no Google Formulários, e buscou-se explorar diferentes aspectos da experiência de trabalho dos participantes autistas. As perguntas abrangeram tanto aspectos objetivos, como dados demográficos, quanto aspectos subjetivos, como sentimentos, experiências e percepções pessoais dos participantes. As perguntas abordaram os temas: diagnóstico, atividade remunerada exercida, escolha por divulgar o diagnóstico, experiências de aceitação ou preconceito, habilidades comunicativas, mudança de rotinas, questões sensoriais, relações interpessoais, acomodações no ambiente de trabalho, inclusão e conscientização do autismo na sociedade.

Todas as informações relevantes sobre o consentimento informado e a privacidade foram comunicadas via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essas informações incluíram os objetivos do estudo, os procedimentos, os riscos e os benefícios, a confidencialidade, a voluntariedade e a retirada, e a utilização dos resultados. Além disso, a médica especialista Raquel Del Monde autorizou o uso de sua entrevista e da menção ao seu nome ao assinar o TCLE.

DESENVOLVIMENTO DO ARTIGO

A pesquisa foi conduzida através da coleta de dados em duas etapas, e a análise dos dados foi feita com os dados totais coletados. Como este estudo partiu de um projeto de Inovação Cidadã para a Unidade Curricular Vida & Carreira da UniBH (Academia de Inovação Cidadã [AIC], 2023) no primeiro semestre de 2023, a primeira etapa de coleta de

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

dados foi a compilação das entrevistas obtidas para o projeto supracitado. 11 entrevistados permitiram que suas entrevistas fossem utilizadas no presente estudo. A segunda etapa de coleta de dados foi executada especificamente para o estudo atual, e 21 novas entrevistas com as mesmas perguntas foram coletadas, o que totalizou 32 entrevistas coletadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando as análises pelos dados demográficos, as entrevistas levantaram que o diagnóstico tardio foi muito presente na amostra em estudo: 91% dos entrevistados foram diagnosticados autistas após os 25 anos de idade. O processo de diagnóstico parte de suspeitas variadas e pessoais entre os indivíduos. Cerca de 42% dos entrevistados identificaram comportamentos autísticos em si mesmos, seja por comparação com familiares, amigos ou representações na mídia, ou após serem alertados por alguém próximo. Outro grupo relevante, também com aproximadamente 42%, teve a hipótese de autismo levantada por profissionais de saúde mental ao procurarem tratamento para comorbidades como depressão e ansiedade. Um terceiro grupo, composto por cerca de 16% dos entrevistados, buscou o diagnóstico após a confirmação do autismo em seus filhos.

Embora o diagnóstico seja esclarecedor e aliviante para muitos, o processo de obtenção dele costuma ser emocionalmente exigente, e há ainda relatos de sentimentos mistos, incluindo luto pela imagem anterior de si mesmos e reconhecimento da importância da neurodiversidade e da identidade autista.

Quanto aos empregos, cerca de 60-70% mencionaram trabalhos individuais, principalmente relacionados à tecnologia, enquanto 30-40% mencionaram trabalhos envolvendo interações sociais e trabalho em equipe. Del Monde (2023) enfatiza que em sua experiência, autistas podem trabalhar nas mais diversas áreas e profissões, e o presente estudo concorda com isso.

Apenas alguns autistas compartilham seu diagnóstico no trabalho, pois muitos enfrentam preocupações de discriminação. Del Monde (2023) adiciona que muitos desejam informar seu diagnóstico para obter acomodações; no entanto, o medo da discriminação, também encontrado no presente estudo, frequentemente os impede. Relatos de bullying, exclusão social, atribuição de apelidos desagradáveis, perda de clientes ao descobrirem que o profissional é autista e dificuldade de recolocação profissional devido à revelação de ser autista também foram mencionados.

Quanto às acomodações razoáveis no trabalho, muitos autistas nunca receberam ajustes das empresas para as quais trabalham ou trabalharam. As soluções individuais que

ISSN: 2966-2877
Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

muitos acabam buscando incluem a transição para o trabalho remoto, a busca de um ambiente mais silencioso, flexibilização de horários e uso de abafadores auriculares e óculos escuros. A necessidade de conscientização, adaptações e aceitação da diversidade no ambiente de trabalho é destacada, sendo considerada crucial para a inclusão efetiva dos autistas.

Em relação à comunicação no ambiente de trabalho, muitos autistas destacaram que a comunicação é desafiadora, ainda que alguns apontem que melhoraram as habilidades comunicativas com o passar do tempo e com maior familiaridade com as pessoas. As consequências dos problemas comunicativos, frequentemente vindas da falta de objetividade na comunicação cotidiana, podem ser sobrecargas, crises e problemas de saúde mental. As estratégias para os autistas lidarem com isso são diversas, desde evitar a comunicação como um todo (atitude mais comum entre autônomos) até tolerar as imposições sociais e depois lidar com algum mecanismo de escape, tais como isolamento para se regular, banhos demorados, uso de álcool e, de maconha.

Del Monde (2023) menciona que algumas pessoas autistas gostam de interações sociais e formam laços com pessoas, e por mais que algumas respostas dos autistas denotem facilidade ou desejo de interação, os desconfortos nas confraternizações e desafios na construção de relações foram bastante recorrentes nas respostas.

Sobre mudanças inesperadas (alterações na rotina, tarefas novas ou imprevistas), muitos entrevistados expressaram dificuldades em se adaptar a elas, e as consequências são, novamente, sobrecargas, crises e problemas de saúde mental.

A resistência à mudança é uma questão enfrentada por alguns entrevistados, que podem ter dificuldade em se adaptar a novos procedimentos ou fluxos de trabalho, mesmo quando essas mudanças trazem benefícios a longo prazo. No entanto, muitos mencionam uma capacidade de adaptação gradual a novas situações ou rotinas, superando as dificuldades iniciais.

Dentro desse contexto, é evidente que a adoção de estratégias de adaptação varia amplamente. Alguns autistas conseguem desenvolver estratégias pessoais para lidar com mudanças, como criar novas rotinas ou ajustar o ritmo de trabalho, mas isso nem sempre é possível.

Há potencialidades e habilidades bem reconhecidas, além dos problemas. Muitos autistas entrevistados, assim como Del Monde (2023), destacam o valor do hiperfoco, principalmente quando alinhado com a atividade remunerada em questão, e a capacidade de organização como recursos que contribuem para o desempenho excepcional dos trabalhadores autistas. Habilidades específicas, como proficiência matemática, capacidade analítica, atenção

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

aos detalhes e comunicação direta, são usualmente reconhecidas e valorizadas por colegas e superiores dependendo da atividade realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua maioria, os entrevistados têm bastante conhecimento sobre o autismo, sobre prevalência do transtorno, sobre diferenças entre mitos e realidades, sobre a posição que ocupam (e que não ocupam) na sociedade. Isso denota que as pessoas autistas de todos os níveis de suporte deveriam ser mais ouvidas e lidas, pois muitas delas têm capacidade de se posicionar sobre sua condição e têm muito a contribuir em diversos campos de trabalho.

Este estudo conclui que tanto é possível incluir autistas em ambientes de trabalho, que muitos deles já estão inseridos e já usam estratégias socialmente aceitas para lidar com algumas de suas dificuldades. Nos casos em que os próprios indivíduos não tenham acesso a acomodações razoáveis, muitos deles têm uma noção muito clara de quais seriam as adaptações para que eles fossem tão ou mais produtivos do que os trabalhadores que não são autistas.

É possível concluir ainda que o que mais falta para que autistas adultos tenham sua saúde mental preservada enquanto exercem suas atividades remuneradas — além de serem capazes de produzir, seja em trabalhos individuais ou em grupos, em regime de qualquer natureza jurídica — é conscientização, aceitação, e respeito das pessoas que convivem e trabalham com indivíduos autistas. Del Monde (2023) diz que “quando as pessoas que trabalham juntas conhecem as características e necessidades dos autistas, elas entendem e se dispõem a atender essas necessidades”.

Este estudo sugere, baseando-se nas fontes consultadas, nas sugestões dadas pelos entrevistados e nos resultados encontrados através deste trabalho, que novos estudos acadêmicos sejam feitos levando em consideração as especificidades de autistas adultos e que tais estudos sejam usados como referência para a elaboração de ações públicas e privadas que visem à efetiva inclusão de autistas.

Os autistas entrevistados sugerem conscientização e educação sobre o autismo, acomodações no ambiente de trabalho como ajuste sensorial, comunicação clara por escrito, flexibilidade de horário, aceitação da diversidade e apoio adequado. Também destacam a importância de eliminar preconceitos, incentivar ambientes de trabalho online, oferecer incentivos fiscais a empresas inclusivas, promover a conscientização sobre o autismo adulto, representação diversificada, focar nas habilidades individuais e considerar a saúde mental.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

Tudo isso visando criar ambientes de trabalho inclusivos, respeitando a individualidade e as necessidades dos autistas.

Este estudo alcançou todos os objetivos a que se propôs, e lança luz sobre as questões abordadas incentivando ações que promovam uma sociedade mais inclusiva, capacitada e justa para todos. Espera-se que estudos futuros próprios e de outros autores surjam a partir deste.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE INOVAÇÃO CIDADÃ (AIC). **Sobre a AIC**. Disponível em: https://academiadeinovacaocidada.com.br/. Acesso em: 11 ago. 2023.

Agência Câmara de Notícias. **Sancionada lei que inclui dados sobre autismo no Censo 2020**. 18 jul. 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/562740-sancionada-lei-que-inclui-dados-sobre-autismo-no-censo-2020/. Acesso em: 30 ago. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências**. Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 25 jul. 1991.

_____. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 28 dez. 2012.

CASIMIRO, Alice. **Autismo em mulheres**. 11 abr. 2023. Facebook: Alice Neurodiversa. Disponível em: https://www.facebook.com/aliceneurodiversa/posts/pfbid0pHAk6bhj2eyDGXNn3V24TjefUr1TMsZeih8EKrdzXezvNAVu6wL7mUxjKYPFwikl. Acesso em: 2 ago. 2023.

DEL MONDE, Raquel. **Entrevista concedida pelo WhatsApp à autora em 28 de abril de 2023**. Mensagens de texto e áudio. Belo Horizonte.

DYCK, Erika; RUSSELL, Ginny. Challenging Psychiatric Classification: healthy autistic diversity and the neurodiversity movement. In: TAYLOR, Steven; BRUMBY, Alice (ed.). **Healthy Minds in the Twentieth Century**: in and beyond the asylum. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. p. 167-187. (Mental Health in Historical Perspective). Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-27275-3_8. Acesso em: 18 ago. 2023.

G1. **Censo 2022: veja as perguntas dos questionários do IBGE**. 1 ago. 2022. Economia. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/01/censo-2022-veja-as-perguntas-dos-questionarios-do-ibge.ghtml. Acesso em: 30 ago. 2023.

HAMDANI, Yani et al. Roadblocks and detours on pathways to a clinical diagnosis of autism for girls and women: a qualitative secondary analysis. **Women's Health**, Toronto, v. 19, p.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

1-12, mar. 2023. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/17455057231163761. Acesso em: 19 ago. 2023.

INSTITUTO LAGARTA VIRA PUPA. **Autismo em meninas**: parte um. 27 jan. 2021a. Facebook: Instituto Lagarta Vira Pupa. Disponível em: http://www.facebook.com/lagartavirapupa/posts/pfbid0Y4XCjYuY8Ff5V5a16CHHUkMcG28TETp4j3BEEqUSezCppb8KqAZTxs1JjCp5LnMVl. Acesso em: 2 ago. 2023.

_____. **Autismo em meninas**: parte dois. 27 jan. 2021b. Facebook: Instituto Lagarta Vira Pupa. Disponível em: https://www.facebook.com/lagartavirapupa/posts/pfbid0Ayv1fvHgsLxaxdY5CXtinw3dbAHm9CCVB3dDL9MfMoUZR6kxstXsr4ASW7ebE41El. Acesso em: 2 ago. 2023.

_____. **Autismo em meninas**: parte três. 27 jan. 2021c. Facebook: Instituto Lagarta Vira Pupa. Disponível em: https://www.facebook.com/lagartavirapupa/posts/pfbid02xftxXCPkUwimcsufJ3hES5c8gVC5pe9WyCiipprbo33JtkZYLwMKXYG6KfXAxJkVl. Acesso em: 2 ago. 2023.

JORNALISTA INCLUSIVO. **Brasil pode ter 6 milhões de autistas**: entenda o porquê. entenda o porquê. 3 abr. 2023. Disponível em: https://jornalistainclusivo.com/brasil-pode-ter-6-milhoes-de-autistas-entenda-o-porqu e/. Acesso em: 2 ago. 2023.

Ministério da Saúde. **Definição - Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. 2021. Disponível em: https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-t ea/. Acesso em: 2 ago. 2023.

NEUROCONECTA. **Autismo em meninas**. 24 fev. 2023. Facebook: NeuroConecta. Disponível em: https://www.facebook.com/NeuroConecta/posts/pfbid0G2NxpfU93FyKvVAAeZFzq2Cv9TX9FHWiaPZGiWWV31tvQDEGSyWrbRjQYuSWx8RKl. Acesso em: 2 ago. 2023.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Mercado de trabalho: múltiplos (des)entendimentos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 5, p. 1517-1538, out. 2011. Bimestral. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rap/a/RRLDDQpJqcDMttw999HpDQS. Acesso em: 19 ago. 2023.

ROCHA, Liliane. 85% das pessoas no espectro autista estão fora do mercado de trabalho. **Época Negócios**, São Paulo. 8 nov. 2019. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/colunas/Diversifique-se/noticia/2019/11/85-das-pessoas-no-espectro-autista-estao-fora-do-mercado-de-trabalho.html. Acesso em: 2 ago. 2023.

TALARICO, Mariana Valente Teixeira da Silva; PEREIRA, Amanda Cristina dos Santos; GOYOS, Antonio Celso de Noronha. A inclusão no mercado de trabalho de adultos com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão bibliográfica. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 1-19, 12 dez. 2019. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/39795. Acesso em: 19 ago. 2023.

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

DOI: https://doi.org/10.56579/epistimoniki.v2i1.38

TIEN, Ingrid Shiyin. **Autism Spectrum Disorder Variation by Gender**: examining diagnostic trends in the autism diagnostic observation schedule II using multilevel modeli. 2023. 52 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Los Angeles, 2023. Disponível em: https://escholarship.org/uc/item/7d76h0nw. Acesso em: 2 ago. 2023.

TRIGUEIRO, Renata Paula Costa. **Percepções das relações entre trabalho remunerado e trabalho voluntário: um estudo com voluntários da pastoral da criança.** 2010. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/12150. Acesso em: 19 ago. 2023.

Publicado em 31 de Março de 2025

Esta obra está sob licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional